

Vem pro IF: pré-vestibulinho social!

Maria Cristina Schefer
Mariana Sá
Renan Barbosa Salgado

Inaugurado em 2010, o IFRS Campus Osório, desde 2011, oferece cursos técnicos integrados ao Ensino Médio (Informática e Administração). Se, inicialmente, os processos seletivos para o ingresso na escola foram tranquilos, pouco concorridos, passados cinco anos e, graças à emergência na comunidade de um “discurso coletivo” sobre a qualidade do ensino na escola, a situação é outra. Atualmente, o número de candidatos por vaga (nessa modalidade) é similar aos de vestibulares de renomadas universidades do Estado. Tanto que, mais de 300 estudantes disputaram uma das 60 vagas para ingresso no Instituto em 2015. Essa disputa acirrada exige que os candidatos demonstrem não apenas o quanto aprenderam (em termos de conteúdos no Ensino Fundamental), mas habilidades específicas para responder a questões objetivas com caráter eliminatório. Pensando nas dificuldades que a prova oferece, bem como na própria vivência dessa situação no ano anterior, é que um grupo de alunos (que frequentavam o 1º ano do Ensino Médio Integrado em Administração) se mobilizou e sugeriu à direção de extensão do campus a organização de um “cursinho preparatório”. Foi desse movimento estudantil que surgiu o projeto de extensão: “Pré-vestibulinho social” intitulado: “Vem Pro IF”.

Com o apoio de professores e técnicos educacionais, os proponentes do projeto (fi-

gura 1) se organizaram por áreas de afinidade cognitiva e assumiram a função de agentes socializadores de conhecimentos (“professores leigo”). Para tanto, utilizaram como suporte orientador na seleção dos conteúdos, o “Manual do candidato do IFRS” e as provas de anos anteriores. O grupo definiu, também, o tempo educativo do pré-vestibulinho: as aulas ocorrem em nove encontros (dois para cada uma das quatro áreas do conhecimento que envolvem a prova) e um para a revisão final. A rotina de estudos, que soma 45h, é desenvolvida nas semanas que antecedem o processo seletivo.

Na primeira oferta do “Vem pro IF”, em 2014, foram disponibilizadas 30 vagas, porém, diante da procura e da insistência dos interessados, os extensionistas decidiram aceitar mais 20 alunos. Mesmo em caráter experimental, a ação resultou na aprovação de 11 dos 50 cursistas (figura 2). Percentualmente, 22% dos participantes ocuparam uma das 60 vagas ofertadas pelo campus (respeitadas as cotas previstas para PNEE e afrodescendentes).

Entretanto, mais do que facilitar o ingresso de estudantes na escola, coube problematizar a permanência deles no campus, já que a evasão e a repetência nos primeiros anos do Ensino Técnico tem sido uma preocupação da equipe de ensino. Pensando nisso, em 2015, dois outros estudantes (do 3º ano do Curso Técnico: Informática) iniciaram uma investigação para verificar o desempenho acadêmico desses “calouros do pré-vestibulinho” num projeto de pesquisa intitulado: ‘Monitoramento de Inclusão: Vem pro IF!’

DA OTIMIZAÇÃO DA PESQUISA E DOS RESULTADOS/EFEITOS-RETROALIMENTAÇÃO DO PROJETO DE EXTENSÃO

No projeto da modernidade podemos distinguir duas formas de conhecimento: o conhecimento-regulação cujo ponto de ignorância se designa por caos e cujo ponto de saber se designa por ordem e o conhecimento-emancipação cujo ponto de ignorância se designa por colonialismo e cujo ponto de saber se designa por solidariedade. (SANTOS, 2000, p. 29).



As extensionistas do Vem pro IF, Laura, Manoella, Júlia, Laura e Isadora

A partir do problema a ser investigado, os pesquisadores elaboraram um questionário inicial/norteador que culminou em entrevistas abertas. Nove, dos onze cursistas aprovados, manifestaram interesse em colaborar com os pesquisadores. O material foi transcrito e analisado e permitiu que os pesquisadores concluíssem que: a) apesar dos aprovados terem expressado que gostaram de frequentar o “Pré-Vestibulinho”, muitos disseram que não aprenderam coisas significativas para o momento da prova; b) a maioria dos aprovados era proveniente das escolas públicas centrais e de escolas particulares da região; c) a realidade socioeducativa dos estudantes, por si só, já colocava os cursistas em situação de privilegiados na concorrência de vaga no IFRS; d) a forma como estava sendo otimizado o projeto não incluía no Instituto àqueles para quem o ensino técnico poderia significar “conhecimento-emancipação” (ibidem).

Diante disso, provocados a refletir, pesquisadores e extensionistas decidiram reorganizar o “Vem pro IF” para a edição 2015. Entre as principais modificações, cita-se o foco nas escolas públicas periféricas e o não recebimento de inscrições por meio eletrônico (como feito no ano passado) visto que, essa limitação exclui aqueles que não têm acesso à Internet (pré-seleção). Em substituição a isso, foi organizado um sorteio público em que todos os interessados ou seus representantes pudessem participar.

A ideia de que todos têm acesso às tecnologias está difundida no “globo”, no senso comum ocidental, tanto que o atributo da primitividade conferido a certos povos (“atrasados”) é constituído em meio aos preconceitos que são gerados por esse olhar universalizan-

te/ tecnocêntrico e que tem dado a medida de todas as coisas na atualidade. O sistema capitalista (re)produz o “conhecimento-regulação” (Santos, 2011, p. 29) que não possibilita grandes movimentos cognitivos fora do padrão existencial das pessoas. Por conta disso, aqueles que não têm acesso a certas tecnologias ficam (geralmente) condicionados “a processos educativos empobrecidos” (SCHEFER, 2015).

A mudança dessa realidade educativa selecionadora e excludente se dá em pequenas ações, porém, efetivas. Conforme Santos (2011) é no âmbito local que podem ser enfrentados os problemas globais.

DA INDISSOCIABILIDADE: ENSINO-PESQUISA-EXTENSÃO

Sessenta e dois nomes foram incluídos na urna no dia 13 de novembro de 2015, quando no auditório do campus ocorreu o sorteio e a distribuição das 40 vagas para o pré-vestibulinho social: “Vem pro IF”. A cada nome sorteado os contemplados eram aplaudidos pelos familiares e amigos presentes. Entre os vinte e dois não sorteados, houve choros comovedos e muitas lamentações. Tal situação revelou o quanto a esperança esteve presente nas mentes dos concorrentes naquela tarde, bem como o quanto desejavam poder frequentar a “melhor escola de Ensino Médio” da região, segundo o divulgado em 2014 (a partir do ENEM).

Para acalantar os aflitos, numa ação espontânea e que demonstrou empatia e solidariedade, os extensionistas prometeram enviar aos não sorteados as apostilas, bem como discursaram em prol da busca de âni-



Nove dos 11 que participaram do Projeto Vem pro IF e ingressaram na escola em 2015



Protótipo da linha Braille

mo. Cabe ressaltar a fala de uma das alunas, “olha, isso não é o fim, vocês podem estudar em casa, pelas apostilas e se saírem tão bem como os que estão aqui” (manifestação da extensionista, Júlia Oliveira). Também contar que, diante da descoberta de que um dos sorteados teria que abrir mão da vaga, pois mora em outro município e não conseguiu dinheiro para pagar o transporte, os pesquisadores e extensionistas se uniram e iniciaram uma campanha entre os servidores. Assim, o adolescente pode frequentar o pré-vestibulinho.

Desse modo, há de se valorizar o “ensino” dessa postura acolhedora do grupo. Intuir que foram nas aulas de Filosofia, de Gestão que frequentam no IF que aprenderam a “ser” inclusivos, a sofrer com a dor do outro e a exercer o empoderamento de pessoas desprovidas de recursos, aquelas que contam e muito com a sorte (com os sorteios). Em síntese, os extensionistas e pesquisadores foram solidários na totalidade do termo, o que exigiu empatia, “processo pelo qual nos damos conta da situação de outra pessoa” (WAAL, 2010, p. 130) e solidariedade, “contraste, que reflete a nossa preocupação com o outro e um desejo de fazer com que a sua situação melhore” (Idem), algo nem tão comum entre os adolescentes contemporâneos e que vivem no Ocidente capitalista.

Vale acrescentar que, tanto os extensionistas quanto os pesquisadores do projeto são voluntários e que os primeiros abrem mão de seus próprios tempos de estudos para “revisar” conteúdos de Ensino Fundamental com os cursistas, justo nas semanas em que estão realizando as próprias avaliações finais e fazem isso com ânimo, conforme relato de uma extensionista, “hoje quase só eu falei, foi bem legal, é que História eu adoro, preparei quase todo o material...” (Manifestação oral/ Laura Moreira de Medeiros em nov. de 2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluímos esse texto em meio a segunda edição do “Vem pro IF”, portanto, não teremos informações neste momento sobre o desempenho dos cursistas no processo seletivo para ingresso em 2016.

A exemplo do ocorrido na primeira edição, o suporte pedagógico solicitado pelos extensionistas ficou restrito à elaboração de atestados de frequência¹, impressões de apostilas, reserva de projetores, etc. Diante disso, cabe-nos pensar que a didática desses extensionistas tem por base registros positivos de suas vivências em sala de aula!

REFERÊNCIAS

- SANTOS, Boaventura de Sousa. A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez, 2000.
- SCHEFER, Maria Cristina. Na periferia das periferias: o não-lugar escolar e a Pedagogia do Destino. 2015. Tese de doutorado. São Leopoldo, Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- WAAL, Frans de. A era da empatia: lições da natureza para uma sociedade mais gentil. Trad. de Rejane Rufino. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

Maria Cristina Schefer é pedagoga/Supervisão Escolar do Campus Osório. Doutora em Educação. (maria.schefer@osorio.ifrs.edu.br)

Mariana Sá é voluntária Iniciação científica. Estudante do 3º ano de Informática. (renanbsalgado_01@hotmail.com)

Renan Barbosa Salgado é voluntário Iniciação científica. Estudante do 3º ano de Informática. (mariana-sa30@hotmail.com)

NOTA

Projeto de Extensão: Edital de de Fluxo Contínuo.

¹ Os estudantes matriculados no “Vem pro IF”, muitas vezes, faltam às aulas nas escolas em que estão concluindo o Ensino Fundamental.